

A TELEVISÃO NA SALA DE AULA: POSSIBILIDADES E LIMITES

Maria Elizabete Souza Couto¹

RESUMO

Este trabalho discute as possibilidades e os limites da televisão na sala de aula. A televisão é um dos meios de comunicação mais freqüente entre as pessoas e nos diferentes espaços, e a escola não pode ficar segregada desse contexto, porque os professores e alunos são espectadores da programação televisiva que está carregada de conteúdos e na mixagem do som, cor e movimento a realidade e a imagem fundem-se no ensinar e aprender. Os alunos preferem programas que narram histórias como as novelas, filmes, desenhos, minisséries, etc., porque possuem uma narrativa, ação e seqüência nas falas. Esses gêneros, porém quase não são utilizados na sala de aula, pelas limitações: tempo da hora/aula, ajuste do horário do programa com o horário da aula, etc. A crítica à programação deve ser feita, mas deve-se considerar o que pode ser acrescentado ao conhecimento dos alunos.

Atualmente, para compreender essa mistura de sedução, prazer e entretenimento que a televisão proporciona às pessoas, sou tentada a clicar o *play* na televisão, em horários diferenciados, para assistir a qualquer que seja o programa, donde começo a observar as imagens, o movimento, o som, a palavra, a narrativa e pensar também no que poderá estar passando na cabeça de tantas crianças, jovens, adultos e idosos que são movidos pelo fascínio do mundo presente diante dos seus olhos, em suas casas, diariamente.

Por não a ser a escola uma instituição segregada das demais instâncias da sociedade, sendo os seus atores (professores e alunos) espectadores da televisão, o presente texto discute as possibilidades e limites da televisão na sala de aula, considerando o 'olhar' das professoras e alunos envolvidos na pesquisa, o que permitirá diversas reflexões e discussões a partir da compreensão das características da sociedade contemporânea/tecnológica.

¹ Doutoranda em Educação na Universidade Federal de São Carlos – São Carlos – São Paulo. Professora da Universidade Estadual de Santa Cruz/UESC - Bahia.

A televisão, enquanto imagem eletrônica, mídiamestra dos meios de comunicação, é o veículo mais popular, influente, organizador de identidades socioculturais e agente fundamental da cultura de massa, um dos elementos estruturantes que articula as formas de agir, pensar, viver, divertir, aprender e até mesmo de trabalhar através da programação de canais diversificados, em circuito aberto e fechado, comunicando às crianças, jovens, adultos e idosos as práticas sociais, culturais, políticas, econômicas e de linguagens que se fazem presentes no cotidiano, por meio de um elenco de mensagens que se fazem exibir ou se deixam "ler" na tela, independentemente do tempo e do espaço. Segundo Lévy, "*as próprias bases do funcionamento social e das atividades cognitivas modificam-se a uma velocidade que todos percebem diretamente*" (1993:8). Os programas televisivos, direta e indiretamente, contribuem e modificam as relações dos homens na sociedade (família, escola, lazer, trabalho, etc.). Dessa forma, não se pode ignorar e desconhecer a importância da televisão na sociedade contemporânea.

Por ser a televisão um elemento estruturante que modifica e organiza as práticas diárias na vida das pessoas, na escola também se faz presente e está carregada

de conteúdo (e não apenas como instrumento), como representante (talvez principal) de uma nova forma de pensar e de sentir, que começa a se construir, no momento em que humanidade começa a deslocar-se de uma razão operativa para uma nova razão, ainda em construção, porém baseada na globalidade e na integridade, em que a realidade e imagem fundem-se no processo (Pretto, 1996:115).

Para entender tal reflexão, é preciso repensar o papel da escola e a prática pedagógica dos professores, que são diferenciados conforme a formação, valores e perfis profissionais.

Todavia, por mais que esteja presente na sala de aula, a televisão, até então, só vem servindo de suporte para a exibição de filmes, porque ainda não se descobriu ou buscou caminhos que possibilitassem a sua utilização, enquanto viabilizadora de uma multiplicidade de visões de mundo e na construção coletiva do conhecimento. Também não está servindo de "livro eletrônico" ou tutora para envolver ou entreter os alunos nos momentos de aulas vagas. Não sabemos ainda se isso é bom! Parece-nos que as buscas, as tentativas, as descobertas envolvendo 'o possível e o limite' fazem parte do perfil e do crescimento do trabalho pedagógico, visto que é na experiência e na troca

com o outro que há a construção coletiva do conhecimento. Para Machado,

já é tempo, portanto, de virar o disco dos discursos sociológicos sobre o poder da televisão e começar a encarar a mídia eletrônica como fato de cultura, capaz de exprimir com eloquência a complexidade e as contradições de nosso tempo (1995:11).

Lidar com as tecnologias (televisão, vídeo e computador) exige uma nova forma de pensar o mundo, o outro, o processo ensino-aprendizagem diante da pluralidade cultural, da alteridade, da diversidade, das permanências e mudanças, na sociedade marcada pela rapidez da informação e proliferação da imagem. Por isso, não se pode reduzir o uso desses aparelhos a meros instrumentos ou ferramentas que apenas ilustram e animam a aula. Com a presença desses aparelhos na escola, podemos observar que a escrita, a leitura, a visão, a audição, a criação, o imaginário, a percepção as aprendizagens são capturadas por um processo cada vez mais avançado e irreversível.

Também não podemos limitar o seu potencial de veiculadora de informações na sociedade e na escola. Em circunstância alguma, devemos usá-la para moldar ou manipular o pensamento dos alunos, mas para ajudá-los a pensar o mundo, o outro, a si mesmo, o perto e o longe, o distante e o próximo, o passado e o presente, diminuindo as fronteiras do universo e olhando para o seu entorno.

Para aproximar o dia-a-dia da escola e o contexto social dos alunos, é bom não desconhecer os seus gostos e preferências quanto aos programas de televisão. Estes fazem parte de uma geração da imagem, cor, som e movimento. Quando chegam à escola, já estão acostumados com a linguagem fragmentada, rápida e sedutora da televisão, por isso acompanham o ritmo fragmentado das atividades escolares sem muita dificuldade. Certamente, não serão analfabetos tecnológicos. Há os que têm tanta intimidade com a televisão e o controle remoto que dizem gostar de "*de todos os canais, vou passando*" (al. 5). É um comportamento fragmentado no uso da televisão e do vídeo, chamado de "*zapping – troca de canal durante a emissão, principalmente durante as interrupções publicitárias; o grazinging – troca constante de canais com a intenção de seguir diversos programas ao mesmo tempo*" (Ferrés, 1996:18). Tal atitude reflete o comportamento de quem está na busca de um programa mais gratificante, da descoberta. É uma forma de filtrar as informações que chegam à sua sala de estar.

Durante o período da pesquisa, constatou-se que os alunos, quando não estão na escola, passam grande parte de seu tempo vendo televisão, em contato com um meio de comunicação complexo que: concilia entretenimento e informação; conta e reconta histórias (novelas, seriados, desenhos, filmes, minisséries); conta pedaços de histórias (programas informativos/jornais); abastece e reabastece o consumo (propagandas nos momentos de comerciais e durante outras programações) e transita entre a realidade e o imaginário (programas infantis e de auditório). O gráfico 1 aponta a preferência dos alunos.

O exame do gráfico permite compreender que os alunos, embora estejam atentos à diversidade dos programas, têm certa preferência por aqueles que possuem enredo, ação/ficção, que deixam fluir a narração: as novelas, filmes e desenhos animados. Segundo Almeida (1994:30), este é um público que gosta de *"cenar agitadas, muito som, o bem e o mal nitidamente separados e em conflitos simplificados, muita violência e pouco espaço para a ternura e a bondade"*. Isso fica bem claro nas novelas, desenhos animados e tipos de filmes que preferem, como os de ação, banguê-banguê, policial, etc.

A ficção é o gênero mais comum do cinema, proporcionando ao espectador o entretenimento. Os alunos a preferem, porque conseguem acompanhar a narrativa, a seqüência das falas e a ação das personagens e, algumas vezes, conseguem *"relacionar situações existenciais vividas pelas pessoas do grupo e mostrar como são apresentadas na ficção"* (Moran, 1991:41). Na maioria das vezes, a ficção é importante para alimentar a fantasia, o imaginário e, quem sabe, até minimizar a realidade.

Muitas vezes, pelo imaginário, voltamos às fontes de nós mesmos; outras vezes, saímos de nós para buscar nossa ligação com o universo. Assim, um filme, uma novela, um desenho animado permitem-nos a identificação com heróis porque encarnam valores e também suscitam admirações e sonhos com aventuras, amor, emoção. No íntimo de cada um de nós, seja criança, seja jovem e adulto, há uma viagem imaginária alimentando nossas esperanças ocultas.

Dessa forma, imaginar é penetrar, explorar fatos dos quais se retira uma visão. Isso ficou claro quando uma aluna disse: *"Conheço Porto Seguro pela televisão!"* Foi uma forma que encontrou de liberar seu imaginário, encontrando vínculos entre o mundo e ela, o conhecido e o desconhecido.

Filmes, novelas, desenhos, programas infantis e de auditório ajudam as crianças e adolescentes a alimentar o seu imaginário e a expressá-lo. Assim, o imaginário é cultivado a cada dia através das categorias do visual – imagens e textos, e do auditivo – falas, ruídos, trilha sonora, barulhos, passos e até tiros.

Com a ficção, o espectador/aluno espera ouvir e aceita as *"liberalidades de toda espécie, pois já sabe que ele trabalha apenas com fatos forjados pela imaginação"* (Machado, 1995:83).

Filmes de ficção raramente são utilizados na escola, objeto da pesquisa, por serem de longa metragem, o que nem sempre é favorável ao trabalho pedagógico, considerando questões que são estruturais da escola, como a distribuição das aulas em cinquenta minutos e porque lida com a aprendizagem cognitiva, não conseguindo trabalhar



Figura 1 - Tipos de Programas que os alunos preferem².

² Variedades: Note e Anote, Vídeo Show, Você Decide, Minisséries, Fantástico, Shows, em canais diversos.

e alimentar o imaginário dos seus alunos e professores. Na sala de aula, o imaginário é contido, freado pelas diferentes atividades nas diversas disciplinas, mas caminha por vias secretas.

Os documentários, gênero mais utilizado na escola e registrado com pouca preferência no hábito cotidiano dos alunos em suas casas, não proporcionam a mesma sedução, a magia e a fantasia de imaginar o que pode acontecer na cena seguinte, sem um enredo com o início, meio e fim, mas também mexem com o imaginário e "*têm a pretensão de aliar o entretenimento à informação*" (Rocha, 1993:13), tentam reconstruir a realidade, dando significado aos acontecimentos de ontem e do hoje. Por outro lado, são também considerados como programas de informação,

em que a tevê fornece enunciados a respeito de eventos independentes dela; (...) o público, de forma geral, espera que (...) diga a verdade, ou seja, atenha-se aos fatos, mesmo que todo mundo saiba que, de alguma forma, todo fato é manipulado ou interpretado na abordagem televisual (Machado, 1995:83).

É importante salientar que a televisão convive com os gêneros narrativos e não-narrativos, onde os programas de ficção/fantasia, informação/jornais e documentários, as propagandas e os programas infantis e de auditório estão constantemente mudando, no seu enredo, *design*, movimento, etc. Os alunos, enquanto espectadores constantes, muitas vezes não se dão conta conscientemente dessa mudança, mas são atingidos por suas mensagens.

Os noticiários são formas de narrar pequenas histórias de forma atraente, as reportagens em séries (fome, violência, miséria, corrupção, impunidade, etc.) do dia-a-dia. As propagandas tentam fazer "*uma síntese rica do imaginário e do real, misturando situações ligadas a acontecimentos do dia-a-dia (promoções, lançamentos...) com pequenas histórias, cheios de conflitos, valores, estereótipos, mitos e soluções (sempre o produto)*" (Moran, 1991:43) e transitam entre o consumo, a comunicação, o imaginário e a informação, ajudando os alunos a elaborarem o seu repertório de conhecimentos quando dizem que aprendem sobre "*as drogas, a Aids*" (al. 29), "*higiene, lavar os alimentos*" (al. 26), "*não fumar, não matar*" (al. 27), "*respeitar o trânsito*" (al. 30), "*não brincar com fogo*" (al. 28), "*não fumar maconha*" (al. 39).

De maneira geral, os alunos dizem que com a televisão aprendem

as notícias que a gente não sabe (...) (al. 02);
no jornal mesmo, que passa coisas boas pra

gente ficar sabendo (al. 03); no Telecurso 2000, a raiz quadrada e muito mais (al. 23); nos canais educativos que a gente aprende a educação e outros canais como Ratinho (Record) mesmo, aprende que devemos respeitar as pessoas e não brigar (al. 05).

Os conceitos já estão tão arraigados que os alunos classificam os programas apropriados para assistir na escola e em casa. Colocam como atividades diferenciadas e consideram que a aprendizagem, propriamente dita, só acontece na sala de aula, com a orientação da professora. Observa-se que o conceito de aprendizagem, o quê e como aprender varia muito. Enquanto alguns pensam que aprendem com os jornais/programas informativos, outros ressaltam as propagandas informativas e os programas de auditório que, muitas vezes, querem aumentar a audiência, chamando a atenção do público para assuntos comoventes, esdrúxulos, presentes no nosso cotidiano, mas que desconhecemos ou ignoramos.

Também acreditam que existem programas que não ensinam nada, como os que

falam de comédia, piada (al. 16); *filmes mesmo que falavam sobre pornô, eles são muito coisasados, muito ousado (...). Isso eu não gosto de assistir* (al. 10); desenhos, a gente não aprende, só se for no canal da TV Escola aí a gente aprende também (al. 12).

Os canais educativos, como TV Escola e TV Cultura, são pouco ressaltados pelos alunos e quanto aos programas considerados como educativos, em canais abertos, assistem aos noticiários e ao Telecurso 2000. Os programas Globo Ecologia, Globo Ciência e Globo Repórter, etc. quase não são mencionados. Mesmo assim, um aluno disse que deveria "*passar mais programas de televisão, só filmes*" (al. 42). Desses programas, foram gravados alguns documentários pela professora A e utilizados nas aulas de História.

Mesmo os alunos sendo espectadores televisivos diários, o trabalho realizado na escola desconhece as suas preferências e não consegue articular a utilização da televisão no seu fazer pedagógico diário. Parece-nos que há alguns limites e desvantagens quanto aos programas de TV:

- a) dificuldades quanto a horários (por exemplo, a dificuldade de ajustar os horários de aula das instituições educacionais aos horários da televisão) e
- b) dificuldades quanto aos ritmos de estudo e aprendizagem dos alunos, que não podem

se restringir ao cronograma de uma agenda de programação televisiva (dessa maneira se produzem invariavelmente defasagens entre o ritmo de trabalho em classe e a programação educativa) (Litwin, 1997:70).

Outra desvantagem/limite é que os professores não podem assistir aos programas de TV antes, para depois decidir se é viável ou não para os alunos. Isso porque a programação da televisão é efêmera, enquanto o trabalho realizado na escola requer ação-reflexão-ação, ou seja, assistir ao programa e analisar se pode ser trabalhado com os alunos nas aulas.

As professoras da escola *locus* da pesquisa não utilizam os programas da TV Escola (programas educativos), também não lidam com os programas da televisão convencional que, em princípio, não têm função educativa e se ressentem da inadequação e desencontro dos possíveis horários de utilização. Com tais dificuldades, a escola não tem outra saída, recorre ao filme educativo, utilizando o vídeo, não submetendo a atividade pedagógica aos horários dos programas televisivos. Foi o que ocorreu nesta pesquisa, porque, enquanto pesquisadora, não era nosso objetivo interferir no ritmo da escola. Acreditamos, porém, que a televisão é um grande desafio à escola porque é difusora de informações que, se sistematizadas e discutidas, constituem parte do repertório de conhecimentos dos alunos.

Para Alberto Quevedo (1991), a “*escola tomou o lugar do saber e deixou para a televisão o lugar do prazer*” (Litwin, 1997:73), porém, a televisão, através da imagem eletrônica, consegue, sabiamente, misturar o som-palavra-imagem, bem como o prazer e o saber, instalando novas formas de ler, escrever, contar, ver, ouvir, perceber, divertir e sentir os fatos que a escola não pode desconhecer. No momento em que termina a exibição do filme ou do programa de televisão, é que começa o trabalho do professor, propondo aos alunos discussão do conteúdo, leituras, atividades de pesquisa, outros filmes, etc.. Para a eficácia dessas atividades, fez-se necessário o conhecimento prévio das professoras quanto ao conteúdo do filme, para preparar o seu trabalho com os alunos. Por isso, transformar as informações e mensagens que os alunos receberam através dos filmes em conhecimentos foi um dos desafios desta pesquisa, por entender que a escola/educação precisa acompanhar os desafios postos pela sociedade contemporânea/tecnológica.

Quanto ao significado de assistir a programas de televisão e a filmes em casa e na escola, os alunos disseram que é diferente porque na sala de aula

a professora tá com a gente assistindo o filme e explicando (al. 12); a professora deve trazer fitas pra gente assistir, fazer perguntas e mandar fazer trabalho (al. 13); o professor deveria continuar passando filmes e debatendo (al. 54); a gente assiste o filme e quando acaba a professora discute (al. 57).

Os alunos entendem e percebem que os programas televisivos tornam “*as ações visualmente explícitas, ao passo que nos livros as ações estão visualmente implícitas, embora possam ser verbalmente descritas pela narração*” (Greenfield, 1988:33). A mixagem da imagem-som-palavra é a grande magia e o fascínio dessa nova razão cognitiva, unindo o auditivo e o visual por uma melhor compreensão e alcance à aprendizagem significativa.

A televisão, enquanto meio de comunicação disponível nos quatro cantos do País, entra nos lares, bares, repartições e escolas para disseminar a cultura. Os professores precisam fortalecer caminhos para trabalhar com o que a televisão não mostra, a saber:

- a- estabelecer o diálogo entre os alunos/professores/alunos a partir das informações recebidas (via televisão);
- b- garantir o conhecimento do processo de desenvolvimento histórico-político e social da sociedade para que os alunos entendam o avanço das inovações tecnológicas, desde o aprendizado da escrita até a Internet;
- c- acompanhar as informações transmitidas pela televisão, compreendê-las e sistematizá-las;
- d- indicar formas de compreensão das relações que se estabelecem no plano do real para a construção de uma identidade sociocultural do aluno, enquanto cidadão crítico e participante na sociedade.

O aprendizado e o significado das mensagens veiculadas pelos programas de televisão a que os alunos assistem também dependem do seu repertório de conhecimentos anteriores, que são adquiridos em casa, na escola, na vizinhança e em diversos programas.

Diante de tais considerações, podemos dizer que, na escola, a televisão funciona ou funcionará na Zona de Desenvolvimento Proximal do aluno, mediando a passagem do nível de conhecimento real, incipiente a outro mais elaborado. Segundo Vygotsky, aí está o papel mediador do professor. Para ele, a Zona de Desenvolvimento Proximal é

(...) a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (Vygotsky, 1991: 97).

Esse é o momento de mediação que exige dos professores conhecimentos prévios para acompanhar e fazer com o que o aluno avance na compreensão do mundo, do outro e de si mesmo. Os programas de televisão apresentam conhecimentos inacabados e em constante produção. Na sala de aula, após a exibição de um filme ou programa de TV, podem surgir perguntas dos alunos que abalem a segurança dos professores, fazendo surgir uma 'zona de turbulência', ou seja, dúvidas, incertezas. Essas perguntas fazem parte dos novos estruturantes da aprendizagem dos alunos que tentam modificar/abalar a prática dos professores. Em determinado momento da pesquisa, a professora B, ao constatar a dinâmica de trabalhar com os filmes na sala de aula, disse: "*é um trabalho mais dinâmico, mas é mais causativo também*", e, muitas vezes, deixa abalar a nossa de 'zona de segurança'. Para Penteado (1998), a mudança dessa prática implica desinstalar modos de fazer já arraigados.

Finalizando, podemos dizer que o trabalho com a televisão, tanto a educativa quanto a convencional, deve ser encarado como sendo mais um dos desafios a serem enfrentados. Trabalhar com as várias modalidades de gêneros, percebendo o que cada programa pode encadear para o desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos, num mundo onde a rapidez de informação é acelerada, considerando que os programas de televisão ultrapassam os conteúdos que estão sendo estudados em determinado momento. Eles lidam com a interdisciplinaridade e a transversalidade, resignificando tais conteúdos, muitas vezes, sem se dar conta disso. Por isso, mesmo não estando presente em cada sala de aula, ao vivo e em cores, a televisão está presente na linguagem, nos gestos, no movimento dos alunos. Escola e televisão não são instâncias separadas na sociedade. Estão ligadas, formando um híbrido, para compreender e difundir a cultura no dia-a-dia. Trabalhar com os programas de televisão parece

mais produtivo do que o costumeiro exercício de retórica pseudocrítica, no qual alunos e professores falam mal da televisão, do 'sistema', da 'alienação' durante as aulas e, ao chegar em seus lares, na solidão e no silêncio, se entregam à sua luz mágica e abismal (Napolitano, 1998 : 161).

A crítica interna aos programas de televisão deve ser feita, mas considerar o que pode ser acrescentado ao rol de conhecimentos dos alunos é o mais importante. Com a crítica chega-se a idéias mais sólidas e sistematizadas, sem perder a dimensão do entretenimento, da informação e do conhecimento, aspectos fundamentais para o homem urbano, levando em conta que estamos vivendo uma época onde todos os saberes tradicionais oscilam para dar lugar ao imaginário, à subjetividade, à nova razão cognitiva com estilos de vida ainda pouco estabilizados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Milton José. *Imagens e sons; a nova cultura oral*. São Paulo : Cortez, 1994. 110p.
- BABIN, Pierra, KOULOUMDJIAN, Marie-France. *Os novos modos de compreender; a geração do audiovisual e do computador*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- FÉRRES, Joan. *Televisão e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. 180p.
- GREENFIELD, Patricia Marks. *O desenvolvimento do raciocínio na era da eletrônica; os efeitos da TV, computadores e videogames*. São Paulo: Summus, 1988. 162p.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência; o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. 203p.
- LITWIN, Edith (org.). *Tecnologia educacional; política, histórias e propostas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. 191p.
- MACHADO, Arlindo. *A arte do vídeo*. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. 255p.
- MORAN, José Manuel. *Como ver televisão; leitura crítica dos meios de comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1991. 94p.
- NAPOLITANO, Marcos. *A televisão como documento*. In: BITTENCOURT, Circe (org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997. (175p.)
- PENTEADO, Heloísa Dupas. *Pedagogia da comunicação: rompendo o paradigma tecnicista. IX ENDIPE*. Águas de Lindóia, 1998.
- PRETTO, Nelson de Luca. *Uma escola sem/com futuro*. São Paulo: Papyrus, 1996.
- ROCHA, Antônio Penalves. *O filme: um recurso didático no ensino de história*. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1993.
- SOUSA, Mauro Wilton de (org.). *Sujeito o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995. 231p.
- VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente; o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 4.ed. São Paulo: M.Fontes, 1991. 168p.